

Representação Social sobre a Pediculose na Educação Infantil: reflexões sobre as práticas escolares

Social Representation of Pediculosis in Early Childhood Education: reflections on school practices

Eliane Cerdas

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
elianecerdas@uems.br

João Mianutti

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
jmianutti@uems.br

Osmar Ferreira de Souza

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
osmarbahiano65@gmail.com

Resumo

A Pediculose causada pelo *Pediculus humanus capitis*, o piolho que ocorre no couro cabeludo, é um problema que afeta crianças em idade escolar, podendo prejudicar seu rendimento escolar. Esse problema está presente na trajetória tanto das crianças quanto de educadores em diferentes momentos da vida. A partir de uma pesquisa qualitativa, que analisou entrevistas realizadas com educadores de diferentes centros de educação infantil do município de Maracaju (MS), procuramos investigar as representações sociais da comunidade escolar sobre a pediculose e como ela interfere nas ações escolares quando alguma criança é afetada. Os resultados indicaram que a comunidade escolar analisada apresenta a representação social da pediculose como uma doença que acomete crianças cuja higiene é deficiente e causa de vergonha, confirmando a hipótese de que o não conhecimento científico da pediculose pode gerar práticas inadequadas de tratamento e prevenção da mesma.

Palavras chave: representações sociais; educação infantil; pediculose; saúde

Abstract

Pediculosis caused by *Pediculus humanus capitis*, the louse that occurs on the scalp, is a problem that directly affects school-age children, and can harm their school performance, due to the discomfort that affects children's ability to concentrate. This problem is present in the trajectory of both children and educators at different times of life. Based on a qualitative research, which analyzed interviews carried out with educators from different early childhood education centers in the city of Maracaju (MS), we sought to investigate the social representations of the school community about pediculosis and how it interferes in the actions undertaken by the institution when a child is affected. The results indicated that the analyzed school community presents as a social representation the idea that pediculosis is a disease that affects children whose hygiene is deficient and causes shame, which prevents the proper treatment of affected children.

Key words: social representation; child education; pediculosis, health

Introdução

Apesar dos avanços e investimentos voltados ao setor da saúde no Brasil, as grandes desigualdades sociais e de atendimento ainda estão presentes em todo território nacional. Ainda hoje estão presentes muitas doenças já caracterizadas desde a antiguidade, muitas delas vistas como pragas nos tempos do Antigo Egito¹. Dentre as espécies de piolhos existentes, muito comum na infância está a *Pediculus humanus humanus*, conhecido como piolho do corpo, e *Pediculus humanus capitis*, piolho da cabeça. Neste trabalho, trataremos dessa última

A Pediculose causada pelo *Pediculus humanus capitis*, o piolho que ocorre no couro cabeludo e que gera grande incômodo em razão da coceira, é um problema que afeta diretamente crianças em idade escolar, prejudicando seu rendimento escolar, pois devido ao desconforto as crianças não conseguem se concentrar nas atividades. A pediculose é uma doença que constitui um problema de Saúde Pública mundial, dada sua facilidade de transmissão. Alguns trabalhos mostram que a prevalência da pediculose é alta na comunidade escolar, chegando a mais de

¹ Na tradição judaico-cristã, as pragas do Egito, por vezes referidas como as dez pragas do Egito, foram dez calamidades que, de acordo com o livro bíblico do Êxodo, o Deus de Israel infligiu no Egito para convencer o faraó a libertar os hebreus (ou israelitas), maltratados pela escravidão. O faraó aceitou as condições de libertação de Deus (ou seja, desistiu) após a décima praga, provocando o êxodo do povo hebreu, que seguiram pelo deserto a caminho da terra de Canaã (https://pt.wikipedia.org/wiki/Dez_pragas_do_Egito)

50%. Adultos também podem ser acometidos, independentemente de sua classe social (PAGOTTI, 2012).

A pediculose pode gerar, além do intenso prurido, lesões causadas pelo ato de coçar, facilitando o surgimento de infecção secundária, impetigo, pioderma, e, até, edema em gânglios linfáticos retroauriculares. Em infestações maiores podem ocorrer anemia e febre, além de intenso desconforto e sofrimento aos infectados. Além disso, o piolho pode ser um vetor para outras enfermidades graves, como a febre tifóide endêmica. Essa ectoparasitose pode atingir todas as classes sociais, devido à facilidade de transmissão entre pessoas. Como consequências, gera sofrimento, alteração no sono e de concentração, vergonha, angústia e tensões nos infectados, além do impacto educacional, já que muitas escolas proíbem a criança infestada com piolhos de frequentar as aulas até que o problema tenha sido resolvido (GARZONI; CARVALHO, 2021).

Embora mundialmente conhecida há milhares de anos, a pediculose ainda afeta milhões de pessoas, atraindo uma maior atenção da parte médica e científica, já que sua prevalência vem aumentando pelo planeta, principalmente nos últimos 50 anos. Tal fato deve-se principalmente ao desenvolvimento de resistência pelos piolhos aos fármacos amplamente utilizados para controle e tratamento da doença (KOVALICZN RA, et al., 2009 apud GARZONI; CARVALHO, 2021).

A alta prevalência não condiz com o silêncio das instituições de educação infantil, pois o assunto tem importância na área da saúde e está presente na trajetória tanto dos alunos quanto dos professores em diferentes momentos da vida. Dessa forma, por meio de uma pesquisa qualitativa, em que os dados foram coletados por meio de entrevistas feitas com educadores da educação infantil de diferentes instituições do município de Maracaju (MS), procuramos investigar as representações sociais da comunidade escolar sobre a pediculose e a interferência das ideias compartilhadas nas ações realizadas com as crianças acometidas. De forma mais específica, procuramos também responder as seguintes questões: quais medidas de prevenção são adotadas pelas instituições? Como os educadores podem identificar que uma criança está com piolho? Há algum perfil específico de crianças que apresentam esse problema? (Idade, situação financeira, relação com a família).

Pediculose em crianças

A pediculose é causada por ectoparasita hematófago (*Pediculus humanus capitis*) o qual desenvolve todo seu ciclo de vida no ser humano. Frequentemente surgem lesões pruriginosas no couro cabeludo, local mais afetado, levando a riscos potenciais de complicações, quais sejam: infecções bacterianas (por exemplo, impetigo). De acordo com Gabini, Maeba e Ferrari,

Apesar de essas infestações atingirem o homem há milhares de anos em todas as partes do mundo, sendo vistas em múmias egípcias de 3.000 anos a.C., em pentes da época de Cristo encontrados nos desertos de Israel e em múmias do

Peru pré-colombiano, ainda não existem estudos que permitam compreender de forma ampla a epidemiologia dessa doença e os cuidados prestados por profissionais e familiares no combate desta ectoparasitose (GABANI; MAEBARA; FERRARI, 2010, p.310).

A coceira é o principal sintoma da manifestação da pediculose e acontece porque nosso corpo reage, a alimentação do piolho em contato com o sangue para alimentar-se. Dentre as medidas de prevenção contra piolhos, destaca-se: não compartilhar objetos pessoais, como escovas, bonés, toalha, presilhas, chapéu, etc.; examinar diariamente a cabeça das crianças, em idade escolar.

Embora no senso comum, o piolho seja associado à falta de higiene, não é bem assim. O piolho gosta de cabelo limpo, por isso, quem lava o cabelo diariamente também pode ter piolho, é importante mencionar que qualquer pessoa independente da classe social, sexo, raça, credo ou cor pode ser infestada por piolhos (BARBOSA et al., 1998).

Os responsáveis pela criança, muitas vezes, também são atingidos por este estigma, pois pode gerar a ideia de falta de higiene em casa, de falta de cuidados dos pais para com as crianças. Os professores, por sua vez, enfrentam o problema de evitar a transmissão da parasitose entre as crianças e a si mesmos.

As escolas, em geral, não possuem regras pré-estabelecidas, nem programas educativos para controlar a pediculose em seus espaços. Além disso, há existência de professores que desconhecem a forma que a parasitose é transmitida, o que contribui para a sua alta prevalência em ambiente escolar. Encontramos poucas publicações com relação à pediculose em escolas brasileiras, sendo que a maioria delas apenas identificava a alta prevalência da doença nos alunos. Já, programas de controle para esse agravo são quase inexistentes (PAGOTTI, et al, 2012, p. 77)

O piolho (*Pediculus humanus capitis*) é um inseto que se alimenta de sangue, seu ciclo de vida é de 30 dias, a fêmea pode colocar até 300 ovos durante a vida, sendo aproximadamente de 7 a 10 ovos por dia. O primeiro sinal de que está infestado por piolho é a coceira no couro cabeludo. Segundo alguns estudos a pediculose afeta especialmente as crianças em idade escolar e é possível afirmar que atingem mais meninas por terem cabelos compridos.

Atualmente, existem várias maneiras de controlar e tratar a Pediculose. Infelizmente, nenhuma apresenta 100% de eficácia, principalmente nos últimos anos, já que a presença de piolhos resistentes a alguns medicamentos é relatada desde meados da década de 1990, devido ao uso inadequado e excessivo dos pediculicidas de ação neurotóxica (FELDMEIER, 2014). O diagnóstico correto, a forma de administração, dosagem, excipientes da fórmula, adesão ao tratamento, reinfecção, ocorrência de morte dos ovos e propriedades residuais do fármaco aplicado interferem diretamente na eficácia ou não do tratamento (HUSNI; AL-WAIZ, 2021).

A disseminação de informações de saúde é essencial para reduzir a frequência da pediculose, o

que pode ser alcançado com a implementação de estratégias de educação em saúde nas escolas, assim como junto à atenção básica. A educação em saúde tem sido largamente incentivada pelo Ministério da Saúde, pois se trata de uma forma de promover a saúde e estimular a troca de conhecimento entre setores, trazendo ganhos importantes para a população.

Burgess (2002) afirma que antes do seu ingresso na escola, a maioria das crianças tem poucos amigos próximos, tendo maior contato apenas com seus familiares. Quando começam a frequentar as escolas, o seu grupo de amigos aumenta e as diferentes brincadeiras variam em relação à proximidade corporal. Esta é a justificativa para a alta prevalência neste grupo. Barbosa e Pinto (2003) encontraram no Rio de Janeiro (RJ, Brasil), prevalência de 67% em meninas e de 30% em meninos, nesta fase.

Grandes dificuldades têm sido enfrentadas nos dias atuais frente à necessidade de redução destes números, em função do aumento da resistência destes insetos aos medicamentos disponíveis para uso (HUNTER; BARKER, 2003). Desta forma é preciso buscar medidas educacionais capazes de colaborar para a diminuição da prevalência e incidência da Pediculose.

A expressão “representação social” surgiu na Europa, remetendo ao conceito de “representação coletiva” de Émile Durkheim, por longo tempo esquecido, mas retomado por Serge Moscovici no desenvolvimento de uma teoria das representações sociais, no campo da Psicologia Social (ALEXANDRE, 2001)

Serge Moscovici elaborou pela primeira vez o conceito de “representação social” ao realizar um estudo publicado em 1978 no Brasil sob o título *A representação social da Psicanálise*, onde o autor mostra como a Psicanálise, uma teoria científica complexa, ao ser difundida em determinada cultura, se transforma ao mesmo tempo em que modifica o social, a visão que as pessoas têm de si e do mundo em que vivem.

Romeno naturalizado francês, Serge Moscovici teve o propósito de desenvolver cientificamente uma Psicologia Social que deixasse de considerar apenas o indivíduo, mas também sua cultura, seu meio social, rompendo a dicotomia entre o individual e o social (ANDRADE, 2018). Desta maneira, as Representações Sociais são fenômenos simbólicos que guiam as ações e os pensamentos dos sujeitos por mecanismos específicos presentes no cotidiano que estão acomodadas no universo consensual (família, igreja, experiências pessoais, etc.) (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013). Nas palavras do referido autor, as representações sociais são:

Um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual. É o equivalente, na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ainda ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981 p. 181).

Em outras palavras, as representações sociais descritas por Moscovici são ideias ou conhecimentos de um determinado grupo social. Portanto, trata-se de uma teoria dinâmica, que



considera a influência do meio em que os sujeitos estão inseridos. Assim, em diferentes contextos sociais podem existir diferentes visões, “os modelos de representação que formam a mentalidade de um povo são incomensuráveis para outro” (MOSCOVICI, 2001, p. 51).

A representação social é constituída desde a infância, dentro do ambiente familiar, aprendendo e tendo a noção de mundo e suas representações uma cadeia de novos conhecimentos, valores, normas, costumes e hábitos. Mas tudo que cresce em seu ambiente social cresce com um novo conceito de mundo que são adquiridos e diferenciados através de novos conhecimentos. Um aspecto mencionado por Moscovici (2003) é que o sujeito é transformador da realidade e a compreensão das diversas interpretações poderá gerar uma mudança na mentalidade da sociedade e em suas ações.

Dessa maneira, Moscovici (2007 apud Cerqueira, 2011), expôs que as representações sociais são elementos simbólicos expressos geralmente pelo indivíduo por meio de ações ou da palavra. Assim tem-se a explicação do pensamento, aquilo que se percebe a respeito de algo, no caso deste estudo, a pediculose.

A hipótese desse trabalho é que a forma como a comunidade escolar (professores, pais, etc) enxerga a pediculose, interfere no tratamento das crianças infectadas e que o não conhecimento científico da pediculose pode gerar práticas inadequadas de tratamento e prevenção da mesma.

Metodologia

Os dados foram levantados por meio de entrevista com seis professores de dois centros de educação infantil da rede municipal de Maracaju, Mato Grosso do Sul. A entrevista foi realizada no ano de 2020, após um contato inicial com os sujeitos que consentiram a participação na pesquisa por meio de documento assinado pelos mesmos. Buscou-se levantar o conhecimento desses profissionais a respeito das causas, sintomas e tratamento da pediculose em correspondência com o ciclo de vida dos piolhos, assim como as condutas realizadas pelos profissionais quando da infestação das crianças. Embora somente professores tenham sido entrevistados, foi possível inferir, a partir das respostas, como a comunidade escolar (incluindo-se pais e gestores) concebem a pediculose nas crianças. As respostas foram analisadas com base na concepção de Representação Social (MOSCOVICI, 2001). Para resguardar a identidade dos sujeitos participantes, foram utilizados marcadores P1 a P6 na discussão dos dados apresentados abaixo.

Resultados

Todos os professores respondentes consideram a pediculose uma situação “*corriqueira*” (P1 a P6) nas escolas em que trabalham, embora um dos professores tenha ressaltado que “*hoje essa situação é mais controlada*” (P6). Como consequência disso, as escolas realizam anualmente ações de instrução com pais e alunos como medida de prevenção, de forma que a pediculose é

tratada como conteúdo escolar nessa etapa da escolarização.

Com relação ao perfil das crianças infectadas, os professores consideram que as crianças menores são as mais acometidas, porém, não há um perfil físico, social ou econômico que torne as crianças mais propensas. No entanto, fica evidente pelo conjunto de respostas obtidas, que a infestação das crianças por piolhos é tida como falta de higiene e uma responsabilidade da família. Os seguintes relatos evidenciam isso:

Geralmente com idade menores, falta de cuidados independentemente da situação financeira (P3).

As únicas medidas que podem ser realizadas na escola são a instrução, a transferência de informações e apelo aos pais para que cuidem da higienização das crianças. Antigamente, havia os dias em que era passado produto nos cabelos das crianças ou eram dados aos pequenos doses de vermífugo, mas na atualidade infelizmente não pode ser realizado tais atos (P4).

Normalmente, onde a família deixa a desejar essa higiene da criança (P5).

Verifica-se, portanto, que para os professores respondentes, a higiene das crianças é um fator determinante para a prevenção da pediculose. Prevalece a noção de que apenas a higiene individual pode assegurar a saúde de uma pessoa. Para Diniz, Braga e Schall (2003), que investigou as representações sociais de escolares sobre a esquistossomose, isto denota a prática tradicional da escola, onde ainda prevalece a normatização sanitária do início do século XX que enfatizava a modificação dos costumes e hábitos das populações, numa tentativa de regulamentar atitudes da população, despolitizando o social, sem preocupações e reflexões. Tais práticas estavam impregnadas da contradição entre ensinar hábitos saudáveis às camadas populares, que viviam em péssimas condições de habitação, sem água potável nem rede de esgoto.

Da mesma forma, hoje, ignora-se que muitas crianças vivem em casas pequenas onde a infecção por piolhos torna-se de difícil solução, pois os filhos dormem juntos, as vezes com os pais que trabalham o dia todo e não tem tempo suficiente para tratar da pediculose, já que a catação ainda é a prática mais barata de tratamento.

Assim, a quantidade de expressões higiênicas apresentadas como forma de prevenir pediculose parece indicar que “ainda hoje estão presentes as normas da ideologia da higiene, a qual não é dispensável, mas deve vir associada a ações coletivas e consciência dos direitos aos serviços públicos” (DINIZ; BRAGA; SCHALL, 2003, p. 115), como direito à moradia, assistência médica, água tratada e esgoto.

Isso também demonstra incompreensão desses profissionais com relação às características biológicas do piolho e de seu ciclo de vida, já que os insetos em questão apresentam preferência por cabelos limpos. E, frise-se, as medidas de prevenção ganham significado quando se conhece a biologia desses animais.

Essa incompreensão é mais preocupante, quando elas afirmam que o assunto é tratado como *tema de aula (P6), por meio de palestras, teatro, música (P1), nas reuniões de pais (P1, P2, P3, P4, P5 e P6), em palestras para instruir os pais (P4 e P6)* como forma de prevenção, pois percebe-se, nesse caso que a própria escola dissemina um tipo de conhecimento inadequado que acaba por contribuir com o preconceito.

Geralmente é da relação com a família. Eu particularmente, referindo-me ao ano passado...havia alunos de situação financeira muito boa que os pais não se importavam em manter a higiene da criança em dia e jogavam a culpa toda nos coleguinhas, não somente em relação a piolho, como a alergias, bicho de pé, gripe, etc., porém, na mesma turma, haviam crianças de situação financeira precária, que os pais cuidavam muito bem essas questões de higiene a ponto de pedir doação de remédio, pente fino, produtos de higiene variados, não somente de cabelo (P4).

É interessante observar, ainda, que a falta de higiene guarda para as professoras uma relação com a situação econômica de cada família. Assim, entende-se que em uma família pobre é esperada a falta de cuidados com o corpo das crianças, enquanto em famílias mais abastadas, a falta de higiene não é tolerada. Trata-se de uma visão preconceituosa com relação às famílias das crianças mais pobres e reitera a concepção inadequada da pediculose, tratando-a como algo “vergonhoso” que precisa ser mantido em segredo para não constranger a criança infectada. É o que mostram as respostas referentes às medidas tomadas pela escola frente à infecção de um aluno:

Mandar bilhete em geral a todos os pais daquela turma. Eles devem fazer a parte que é de responsabilidade deles (P2).

Nunca dizemos diretamente as crianças que determinada criança está com piolho. Inicialmente fazemos atividades referentes a higiene pessoal [...] Particularmente falando, já houve situações graves, em que a criança estava a ponto de adoecer [...] e com autorização em mãos, realizei tratamento capilar com a criança utilizando produto que é colocado no shampoo ou condicionador. Mas para que isso tenha sido possível, foi preciso realizar um “dia de beleza” em sala de aula, onde todos os alunos puderam participar da brincadeira (P4).

Com muito tato, conversa com responsável para que ele leve ao médico e inicie o tratamento (P5).

Hoje tem que ter muita cautela, por ser um assunto que pode virar preconceito dentro do ambiente escolar (P6).

As considerações acima apresentadas nos fazem olhar com cautela a informação das professoras a respeito da própria infecção por piolhos. Apenas duas das professoras relatou ter pego piolho na escola (durante a prática pedagógica), mesmo que todas relatassem que esse é um problema recorrente entre as crianças.

Diversas vezes, mesmo fazendo uso de medicação semestralmente, ainda assim, as vezes me vi na situação de pegar piolho na escola (P4)

Com relação às formas de tratamento das crianças com pediculose, destaca-se nas falas das professoras três características presentes em todas as respostas dadas: a higiene (lavar bem os cabelos), o uso de receitas caseiras (vinagre) para matar os piolhos e a responsabilidades dos pais no processo. É importante destacar, nesse caso, que embora muito disseminada, a receita do uso de vinagre com água não tem o mesmo efeito do medicamento, que é mais eficaz para matar o parasita. O vinagre pode ser útil para desgrudar as lêndeas do cabelo e facilitar sua remoção com o pente fino. Ou seja, a solução pode ser usada como complemento, para retirar piolhos e lêndeas que restaram após a aplicação do medicamento (BRUNA, s/d)

A literatura relacionada coloca o pente fino como o melhor tratamento para a pediculose, pois é um produto barato, não induz resistência do parasita e intoxicação dos usuários, e o ato de passar o pente fino e catar o piolho promove maior vínculo entre criança e cuidador (PAGOTTI et al, 2012)

Entre as professoras que participaram da pesquisa, todas disseram que percebem quando a criança apresenta o problema por meio da observação da criança que passa a coçar muito a cabeça, ficando mais desatenta e inquieta e também durante o banho (no caso da criança que fica o dia todo na creche). Para a maioria das professoras, as crianças infectadas poderiam deixar de frequentar as aulas durante o tratamento, reiterando a ideia de que o tratamento é responsabilidade única e exclusiva dos pais.

O estigma que envolve os piolhos também é apresentado pelos pais, que, segundo as professoras, reclamam à escola a solução do problema.

*Não tinha, **pegou na escola, não tem tempo**, já que pegou na escola a escola deve ajudar a cuidar (P1).*

*Sempre há, **a grande maioria nunca toma a responsabilidade e transfere (P5).***

É possível dizer, portanto, que os professores da educação infantil que fizeram parte dessa pesquisa apresentam como representação social a ideia de que a pediculose é uma doença que acomete crianças cuja higiene é deficiente e causa de vergonha, de forma que as crianças infectadas devem ter a identidade mantidas em sigilo. A prevenção e o cuidado são responsabilidade dos pais, portanto, é aceitável que a criança deixe de participar às aulas para realizar o tratamento.

Essas ideias não condizem com o conhecimento científico que se tem hoje da doença e acarreta o tratamento inadequado das crianças que a apresentam. Ao conceber a pediculose como uma doença de crianças sujas e de famílias descuidadas da higiene, que precisa ser mantida em segredo para não haver exposição da criança, só gera mais preconceito e segregação. Assim como os resfriados, gripes e outras doenças típicas da infância, a pediculose deve ser tratada de forma natural, para que o tratamento ocorra de forma adequada e rápida impedindo que o inseto passe a outras crianças.

A saúde da criança é um fator de responsabilidade social, todos somos responsáveis pelo bem-estar de nossas crianças. Assim, tanto as famílias quanto as escolas têm o dever de prevenir, assim como de tratar as crianças com pediculose, lembrando sempre que a função da educação infantil é cuidar e educar de forma dialética para que o desenvolvimento infantil ocorra de forma mais adequada possível.

Considerações finais

O trabalho realizado nos permitiu aprofundar o conhecimento a respeito da pediculose, sua prevenção e tratamento, para o qual a compreensão do ciclo de vida do piolho é essencial. A investigação junto às escolas revelou questões antigas que precisam ser retomadas a fim de melhorar o desenvolvimento e bem-estar das crianças na educação infantil, dentre as quais destacam-se:

- i) Há grande prevalência da pediculose nas crianças entre 0 e 6 anos nas escolas de Maracaju, como confirmado pelas professoras.
- ii) A percepção da doença como consequência da falta de higiene parece estar intimamente relacionada com a vergonha e o preconceito, sendo que a forma como a doença é tratada pelas escolas reforça a segregação de crianças com o problema dificultando ainda mais o seu tratamento. A pediculose faz com que a criança se sinta psicologicamente mal pela condição de parasitada, não raro escondendo a infestação
- iii) A disseminação de informações de saúde é essencial para reduzir a frequência da pediculose, o que pode ser alcançado com a implementação de estratégias de educação em saúde nas escolas, assim como junto à Atenção Básica². É preciso disseminar entre professores, pais e crianças a compreensão de que a pediculose não está relacionada à classe social, nem às más condições de higiene.

Concluimos, assim, que a falta de conhecimentos científicos a respeito da etimologia do piolho, pelos professores da educação infantil, dificulta um tratamento adequado de crianças com pediculose, contribuindo com a permanência da infestação e do preconceito.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum** - Rio

² A Atenção Básica é um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação e a manutenção da saúde.

de Janeiro - v.6 - nº 17 - p. 111 a 125 - jul./dez. 2001

ANDRADE, Alexandra Karla Rodrigues. **Ciência, senso comum e práticas de ensino de língua portuguesa.** Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2018

ARAGUAIA, Mariana. **"Piolho";** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/saude/piolho.htm>. Acesso em 13 de agosto de 2021.

BARBOSA, Júlio Vianna; PINTO, Zenaide Teixeira. Pediculose no Brasil **Entomol. Vect.** 10 (4): 579-586, 2003

BRASIL, Ministério da Saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS. Disponível em <http://www.datasus.gov.br>

CATALÁ, Silvia; CARRIZO, Lorena; CÓRDOBA, Marina; KHAIRALLAH, Roxana; MOSCHELLA, Fabrizio; BOCCA, Julio Nacif, et al. Prevalência e intensidade da infestação por pediculus humanus capitis em escolares de seis a onze anos. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical;** 37(6): 499-501, nov/dez 2004

DEZ PRAGAS DO EGITO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Dez_pragas_do_Egito&oldid=65154403. Acesso em: 22 jan. 2021.

DINIZ, Maria Cecília P.; Braga, Rosalina Batista; Schall Virgínia Torres. As representações sociais da esquistossomose de escolares de área endêmica de Minas Gerais **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências,** Belo Horizonte v.05 n.02 p.109-128, outubro, 2003

FELDMEIER H. Treatment of Pediculosis Capitis: A Critical Appraisal of the Current Literature. **Am. J Clin Dermatol.** 15: 401-412, 2014x

GARZONI, Fabiana Soares Morgado, CARVALHO, Vânia Gameiro de. Pediculose: fatos históricos sobre a doença e a busca persistente pelo tratamento ideal. **Revista Eletrônica Acervo Saúde | ISSN 2178-2091 Vol.13(5),** 2021.

HUNTER J. A, BARKER S. C. Susceptibility of head lice (*Pediculus humanus capitis*) to pediculicides in Australia. **Parasitologia. Res.** 90:476-78, 2003.

HUSNI L, AL-WAIZ M. Topical ivermectin in the treatment of pediculosis capitis. **Our Dermatol Online.** 12(1): 14- 18, 2021

MOSCOVICI Serge. Na representação social. Em: Forgas IP, editor. **Cognição social: perspectivas sobre a compreensão cotidiana.** London: Academic Press, p. 181-209, 1981.

MOSCOVICI, Serge. **Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história.** In: JODELET, D.(Org). As representações sociais. Rio de Janeiro; EdUERJ, 2001.



XIV ENPEC

Caldas Novas - Goiás

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social** / Serge **Moscovici**; editado em inglês por Gerald Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 5 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Karine Correia dos Santos; OLIVEIRA, Sandra Ramos de. Representações Sociais. **Cadernos CESPUC**. Belo Horizonte – nº 23. 2013

PAGOTTI, Renata Elizabete, Santos, Verônica Pugliani dos, Bisson, Gabriela Silva, Milena Jorge Simões, et Tal. Avaliação de um programa para controle de pediculose em uma escola **Saúde & Transformação Social**, ISSN 2178-7085, Florianópolis, v. 3, n. 4, p. 76-82, 2012

PIOLHO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Piolho&oldid=61985933>>. Acesso em: 5 set. 2021

